

ARAÚJO PEREIRA



ÁLULAS

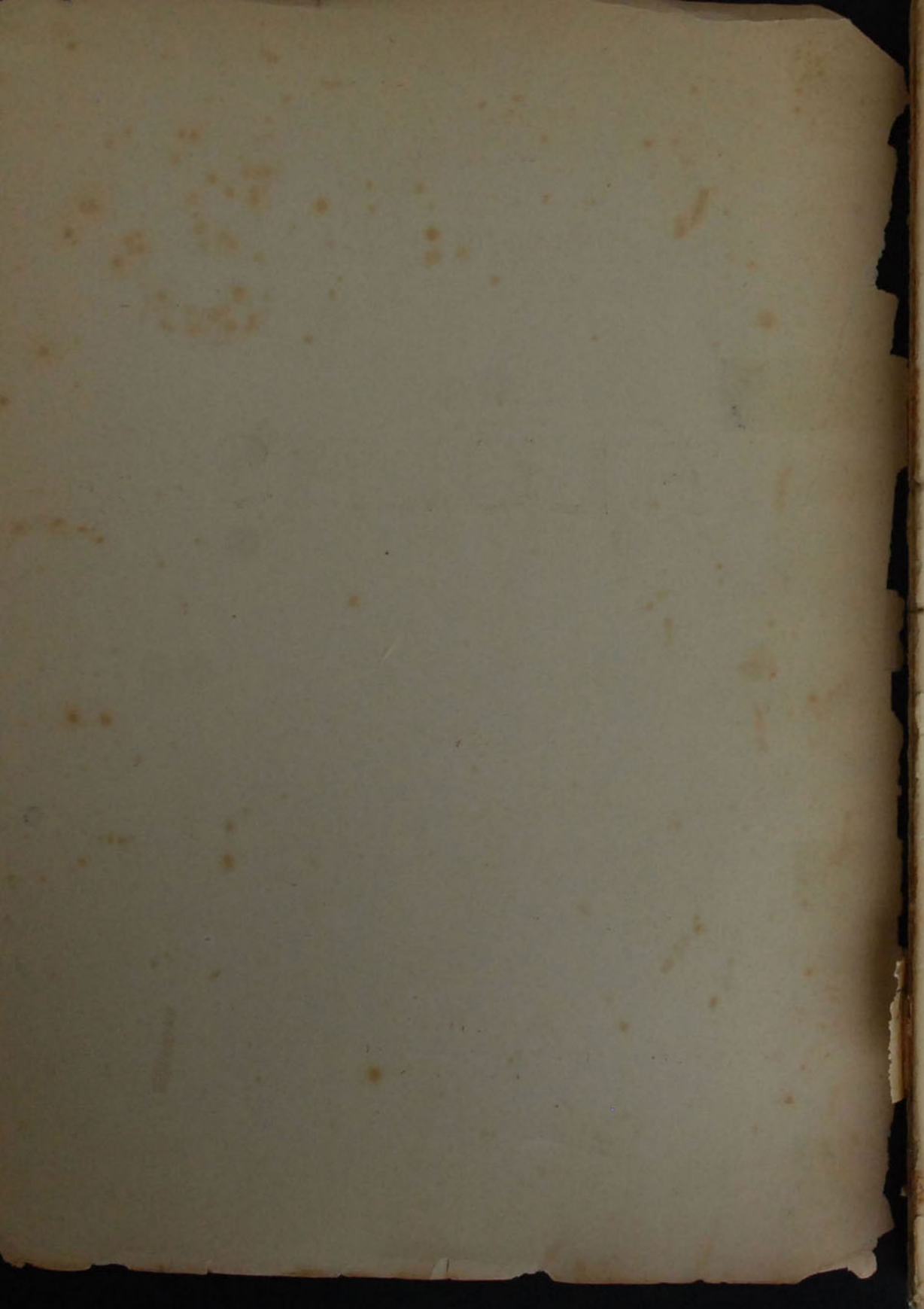


LISBOA

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TÔRRES
R. do Diário de Notícias, 98

1914

torre



ARAÚJO PEREIRA

Fernando Pessoa

Com muito cuidado

ÁLULAS

de

Manuel Torres

COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMPrensa DE
MANUEL LUCAS TÔRRES
R. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 93
LISBOA

ALULAS * * *

quanto frio, quanta miséria
passava a dentro da terra
quanta sêde deletéria
na roseira se encerra.

raiz como serpente
espreitava pra dar flor,
mas não via simplesmente
as rosas, o seu amor.

vez doeu-se tanto
o mal que lhe acontecia
que da ela era pranto
até a que amanhecia.

o caso que uns dedos
ancaram rosa linda,
deu-se de tais mêdos
que fre sustos ainda.

** ÁLULAS **

Era uma vez a raiz
de uma roseira florida
que se julgava infeliz,
e por tôda a sua vida.

Essa roseira, coitada,
era tôda soberbia,
era uma mãe enlevada
em cada rosa que abria.

Quando a raiz rastejava
só por orgulho o fazia ;
logo alegre se tornava
a cada rosa que via.

Era por causa das rosas,
que são perfume do mundo,
que por vias tortuosas
ela descia tam fundo.

** ÁLULAS **

Quanto frio, quanta miséria
passava a dentro da terra
quanta sêde deletéria
pela roseira se encerra.

E a raiz como serpente
rastejava pra dar flor,
e vivia simplesmente
pra as rosas, o seu amor.

Uma vez doeu-se tanto
de um mal que lhe acontecia
que tôda ela era pranto
um dia que amanhecia.

Dera-se o caso que uns dedos
lhe arrancaram rosa linda,
e tomou-se de tais mêdos
que sofre sustos ainda.

Era uma vez a raiz
de uma roseira florida
que se julgava infeliz,
e por tôda a sua vida.

Essa roseira, coitada,
era tôda soberbia,
era uma mãe enlevada
em cada rosa que abria.

Quando a raiz rastejava
só por orgulho o fazia ;
logo alegre se tornava
a cada rosa que via.

Era por causa das rosas,
que são perfume do mundo,
que por vias tortuosas
ela descia tam fundo.

ESPLICAÇÃO DA MORTE

—
Preguntas se eu sei da morte?!...
Que sorte a minha ! que sorte !

Em duas palavras ia
dizer-te tudo, Maria ;
mas com tanto que fazer
não te posso responder.

Não te importe, deixa andar,
eu vou o caso estudar ;
sabemos tudo se a jente
estuda maduramente.

Ora vamos nós a ver :
como a morte perceber
se eu a vida só conheço
plos amargos que padeço
e mais pelas alegrias
de todos os dias ?

O GAROTO-DA-RUA

Cosendo-se irto à laje de uma esquina,
chorando a roixa pele sangue impuro,
com o torso intanguido e o aspecto duro
tiritita tibio uma alma pequenina.

A carne de seus pés e mãos ensina
a neve a ser nevada e o jêlo a puro,
e é tam escuro o seu olhar, tam 'scuro
que se percebe a morte o quere e mina.

Os seus dentes pararam de bater,
dentes que não serviam pra morder,
mas pra rijos mendrugos triturar.

Êle nem já se move nem 'stremece
tomado de torpor que até parece
muito quêdo pra o frio o não tocar.

ESPLICAÇÃO DA MORTE

Preguntas se eu sei da morte?!...

Que sorte a minha ! que sorte !

Em duas palavras ia
dizer-te tudo, Maria ;
mas com tanto que fazer
não te posso responder.

Não te importe, deixa andar,
eu vou o caso estudar ;
sabemos tudo se a jente
estuda maduramente.

Ora vamos nós a ver :
como a morte perceber
se eu a vida só conheço
plos amargos que padeço
e mais pelas alegrias
de todos os dias ?

** ÁLULAS **

E as alegrias e a dor
são bastante, meu amor?

É a vida uma levada
que nos não ensina nada,
vai ela sempre a correr
não dá tempo de a aprender...

Vou responder sem demora
num momento, mesmo agora :
tu estás com muita pressa
e eu às ordens, ora essa...

Ninguém a morte deseja...
—mas não sei o que ela seja...

A não ser o cangalheiro
que com isso faz dinheiro ;
a não ser o jeneral
que o seu bem é fazer mal,
porque tem a profissão
de assassinar, o poltrão ;
a não ser o proprietário
que enriquece do operário,

** ÁLULAS **

e do que espera que a tia
morra e lhe dê alegria,
— eu não vejo mais ninguém
que tenha na morte o bem.

É verdade que mais val'
morrer pra sair do mal
que certa vida levar;
mas isto é outro falar.

Eis a sentença que um sábio
deixa cair do seu lábio :

— Só à morte anda sujeito
o ser dos sêrs mais perfeito ;

mas saber é esperimentar
e não por ouvir falar.

Se melhor não respondi
é que ainda não morri ;
mas ao depois
é certo, pois.

** ÁLULAS **

Sossega, meu bem, descansa,
não percas nunca a esperança
de reposta razoável ;
pois só pra te ser amável
eu ei-de morrer um dia,
 Maria.



VAIDADE

A doida da vaidade é como a pulga
vive no cós da nossa roupa branca
e nada a faz conter, nem a atravanca
e nada quer' julgar e nada julga.

Quieta a consciência não promulga
plos jornais e vezinhas, forte e franca
as razões por que não nos larga a anca,
e a morde e suga, cala e não divulga.

Já me não morde o insecto e se me morde
não dou por tal nem quero o espirito acorde
em com as minhas unhas pô-la exangue...

E a vaidade, que está sob nosso fato
e sôbre a nossa pele, é seu retrato:
— a jente não a sente mas faz sangue.

SONHAROLANDO

O' minha costureirinha
? quem te pôs a costurar ?
Caminhas léguas co a linha
sem a fortuna encontrar.

Que de vezes tua agulha
teus dedinhos tem picado !
E quantas vezes mergulha
no teu corpo delicado.

Teu dedal — o teu amigo !...
(quem me dera ser dedal
pra ser ao menos abrigo
de um teu dedo liral)

** ÁLULAS **

o patrono dos teus dedos
é quem te conhece mais
porque tem os teus segredos
todos de cor e os teus ais.

Quando tu quebras a linha
e te pões a salivá-la,
eu sonho que tu és minha
e o sonhar se desenrola.

E cessa já de coser,
de estar sempre dobradinha
eu não mais te quero ver
a finjir de corcundinha.

Como tu trabalhas tanto
pra que andem outras vestidas
trabalhas sonharolando
e tantas oras seguidas.

INFELIZES

Agarraram o Férrer, e as crianças
perderam o maior amor concreto
que o mundo produziu de mais selecto
do que avia tam forte de esperanças !

Emquanto à morte diz palavras mansas
e cheias de consôlo e altivo affecto,
raro lhe foi o coração correcto,
ninguem quebrou por êle as suas lanças.

Manhã quando os pequenos — infelizes —
ficam sem pai ! Ó ódios récrudesçam
embora a vida a rasguem os juizes !

Carreguemo-los de ódios e ódios cresçam!
— arrancam as roseiras plas raizes
pra que os botões de rosa não floresçam !

PÃO



Cava, cava, cavador,
tu tens de coveiro o nome,
—é o teu nome coveiro,
pois cavas a tua fome.

Cada alevanto da enxada
é uma enxadada nova,
cavador não cesses, cava,
e cavas a tua cova.

Cava, cava, cavador,
arranca o pão com destreza,
e o rico em paga te dá
o pão da tua pobreza.

•• ÁLULAS •••

Cava sempre todo o dia
poupa a vida ao teu senhor
que em troca te dá a fome,
j gentil sinal de penhor.

Êle tem a tua vida
nas rédeas do seu guiar ;
mas à razão não atendas,
cavador, põe-te a cavar.

Luz a tua enxada, luz
qual lâmina de luar,
e ela tanto mais reluz
quanto mais se trabalhar.

Cava a terra e torna o trigo,
— umas sementes, em searas ;
mas sê tu mais teu amigo
e de outras vidas tam caras.

** ÁLULAS **

Não é pra ti que trabalhas,
trabalhas pra a tua minguá,
e pensa te vão roubando,
faz vibrar a tua língua !

E cava o peito da terra,
que tem largo coração
(dá-te por cada semente
trinta sementes de pão);

mas não dê nada a quem tem
mais que tu e de ti ri ;
cava, cava, cavador
— mas cava só para ti.

CIUME

Nivasas pombas, vôo brando e fino —
recortam mansamente o céu de julho
sem murmúrio de asa, mimo, arrulho
que perturbe o silêncio matutino.

E até se julga as move o claro tino
de uma idea que voa sem marulho
de insípida vaidade ou vão orgulho
que leva os homens a falaz destino.

À sossêgo se o remorso nos deixa
quieta a consciência e o lábio mudo
quando o voar das penas se desfecha.

Eu com o amor das pombas não me iludo
olho-as se voam mas o ciume e a queixa
não lhos envejo eu apesar de tudo.

SOLDADOS

Era uma vez um rapaz
—sustento de sua mãe—
que foi chamado a soldado
pra ser soldado de alguém.

A pobre mãe, sem o filho,
que de gôsto a sustentava,
meteu-se numa oficina,
num labor que a fatigava.

Como o dono dessa casa
quisesse a pobre explorar,
pôs-se logo tudo em greve,
numa fúria de vingar

De mêdo treme o burguês,
que apressado a casa guarda
co' o espavento de soldados
envaidecidos da farda.

O soldado, coitadito,
viu na turba a sua mãe,
talvez a mais esaltada
que a forte greve contêm.

«Ó jentes — diz ela — àvante,
temos lá um bom soldado,
meu ventre o jorrou, amante,
é meu filho, o meu amado»,

Era uma vez um rapaz
— sustento de sua mãe —
que foi chamado a soldado
pra ser soldado de alguém.

A turba-multa caminha
com as armas da calçada,
que fica sem uma pedra
com aquela caminhada.

A voz de um clarim avisa
às grevistas a descarga
o soldadito desfecha...
e logo a alma se lhe amarga:

na sua frente, a alguns passos,
percebe êle a mãe que espasma,
e ao vê-la cair por terra
seus olhos o espanto rasga.

E sem pensar, o infeliz,
ou já pensando melhor,
clama irado e fala e diz:
«tenham todos bem de cor:—

** ÁLULAS ***

«O soldado é um mau homem
que obedece à disciplina
que o manda matar e mata
e a própria mãe assassina».

Êste filho que era bom,
cintilante água corrente —
nunca mais teve a razão,
salvo a de ser demente.

Era uma vez um rapaz
— sustento de sua mãe —
que foi chamado a soldado
pra ser soldado de alguém.

VENCER

Só uma vez a morte vence a vida
e muita vez é escrava e não senhora,
só uma vez a vida é bem vencida
depois de tanta vez ser vencedora.

A vida mata a morte a cada instante,
cada instante de vida é qual combate
onde a vida vencedora em rebate
se gloria na vida palpitante ;

Só feia morte a dá a cobardia,
que é bem cobarde quem não quer' lutar,
quem fecha os olhos pra não ver o dia ;

vive mais quem a luta crer e a amar
do que vive o que deixa essa alegria
de olhar a luz para melhor olhar.

** ÁLULAS ***

«O soldado é um mau homem
que obedece à disciplina
que o manda matar e mata
e a própria mãe assassina».

Êste filho que era bom,
cintilante água corrente —
nunca mais teve a razão,
salvo a de ser demente.

Era uma vez um rapaz
— sustento de sua mãe —
que foi chamado a soldado
pra ser soldado de alguém.

** ÁLULAS ***

Pobre cèguinha
escura alminha
onde se aninha
o amargurar,
se os olhos visses
se tu lhe sentisses
tuas denguices
iluminar !...

E os ternos seios
cheios de anseios
doces gorjeios
de rouxinol,
se os entrevisses
se lhos pedisses
vias meiguices
vias o sol,

** ÁLULAS **

Ver-lhe os cabelos
que é jente ve-los,
e pesadelos
logo sentir ;
cheios de ninhos
em desalinhos
e de carinhos
a confluir !

Não ver-lhe a bôca
como se atouca
de carmim, louca
sempre a falar
de fala mansa !
Ai ! não alcança
morreu a esperança
no seu olhar !

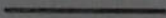
* * ÁLULAS * * *

Pobre cèguinha
escura alminha
onde se aninha
o amargurar,
se os olhos visses
tu lhe sentisses
suas denguices
a iluminar !...

E os ternos seios
cheios de anseios
doces gorjeios
de rouxinol,
se os entrevisses
se lhos pedisses
vias meiguices
vias o sol,

* * ÁLULAS * * *

o obra prima
que me ilumina,
e me refina
a reviver !
triste cèguinha
que se definha,
tôda tristinha
em não a ver !



MORTA

Vi em mim a saudade que rasgava
a floresta confusa da distância
a correr plo arripio de flébil ânsia
que cuase a minha vida estrangulava.

Electriza-a a idea onde sonhava
sonho gentil de salutar fragrância,
alcance-a quem puder (eu não) alcance-a,
não basta eu querer, não a alcançava.

Decai a prumo o sol pelo zenite,
e é calma a luz e límpida a bonança
e eu tam distante assim, vê, pude e vi-te :

estavas sôbre a cova, fria e mansa,
e senti-te eu de cá tam lonje e senti-te
a chorar muito, ao pé da morta esperança.

VIÚVA-VIRJEM

A sombra pelo silêncio a noite abraça
e o vento coscuvilha plo arvoredado
e a lua cala a terra em frio mêdo,
negros os olhos, lívida a caraça.

Parece que um poder altivo a passa
por sôbre o sono e os sonhos e em segrêdo;
desejos saltam que amanheça cedo
e que o sol, numa aurora, espreite e nasça.

É que a lua de triste dá lembrança
— noiva alegre que ennoiva e se desnoiva
a cismar que o contento pula e cansa.

Ó viuva-virjem, inda em côr de noiva,
tu, no céu, ó cadáver da alegria,
a treva iludes simulando o dia.

COMIGO



Amar-te e não te ter,
ter o gosto de luto
vivendo doce o fruto
de tanto apetecer !...

Sentir-te junta ao peito
num sonho celeste, alto,
e despertar de um salto
e não te ver no leito !...

Trazer na bôca beijos
quentes, incendiados,
dessa bôca jelados
por lhes faltar ensejos...

VÍUVA-VIRJEM

A sombra pelo silêncio a noite abra
e o vento coscuvilha plo arvoredos
e a lua cala a terra em frio mêdo,
negros os olhos, lívida a caraça.

Parece que um poder altivo a pa
por sôbre o sono e os sonhos e em
desejos saltam que amanheça ce
e que o sol, numa aurora, espreit

É que a lua de triste dá lembr
— noiva alegre que ennoiva e s
a cismar que o contento pula

Ó viuva-virjem, inda em côm
tu, no céu, ó cadáver da ale
a treva iludes simulando o

DESPEDIDA

*A lua em
do
e vivo no teu olhar;
só meu desejo, claro,
viver se me ausentar.*

A tua imajem que vês
nos olhos, no meu olhar
subiu-me de alma talvez
para tam só te espreitar.

*Se eu calhar
almas e não a
pelas mãos
querentes da
Sêca e mudo
envolve a
qual a tua
e parece falar
olhai, vaidade e
que se depura a*

ninha grande dor
que quando me vou
uma imajem, amor,
teus olhos ficou.

Ouve : ausentas-te e não vai
a imajem contigo, não ;
se te vais, ela me cai
dos olhos ao coração.

MORTE

A lua envôlta em névoa baça e fria
faz tiritar de frio as próprias strêlas
abituadas ao ar — que faz dó ve-las
tremelicando a mêdos de agonia.

Seu cadáver pelos ares arrepia
almas e não á modos de aquecê-las
pelas noites afora e ainda pelas
quenturas da manhã que já se via.

Sêca e rolada ao espaço, — à alva péla
envolve-a a luz do sol que lhe quer' bem
cual a uma filha morta a sua mãe,

e parece falar assim : — Cautela,
olhai, vaidade, e vêde a firme sorte
que se depara a tôda a jente : — a morte.

DESPEDIDA

Vendo os teus olhos reparo
que vivo no teu olhar;
e é só meu desejo, claro,
lá viver se me ausentar.

A tua imagem que vês
nos olhos, no meu olhar
subiu-me de alma talvez
para tam só te espreitar.

É a minha grande dor
saber que cuando me vou
nenhuma imagem, amor,
pelos teus olhos ficou.

Ouve : ausentas-te e não vai
a imagem contigo, não ;
se te vais, ela me cai
dos olhos ao coração.

MORTE

A lua envôlta em névoa baça e fria
faz tiritar de frio as próprias strêlas
abituadas ao ar — que faz dó ve-las
tremelicando a mêdos de agonia.

Seu cadáver pelos ares arrepiã
almas e não á modos de aquecê-las
pelas noites afora e ainda pelas
quenturas da manhã que já se via.

Sêca e rolada ao espaço, — à alva péla
envolve-a a luz do sol que lhe quer' bem
cual a uma filha morta a sua mãe,

e parece falar assim : — Cautela,
olhai, vaidade, e vêde a firme sorte
que se depara a tôda a jente : — a morte.

** ÂLULAS ***

Casar co um vêlho é destino
que não envejo à que cai ;
porque pode ter menino
que não chame pai ao pai :

Se acaso me ders um beijo,
que terreno e que semente !
tu, então, terás o ensejo
de uma colheita fremente.

Á duas sortes de neve :
a neve que se evapora,
a neve que sempre dura
até se o tempo melhora.

Co o namôro persistente
derreti-te a que se evola,
mas a outra, a resistente
nenhum amor a descola.

*** ÁLULAS ***

A rosa faz-me lembrar
(talvez por causa do jeito)
um coraçãozinho ao ar
deixado por algum peito.

Uma viúva chorava
devagarinho, em segrêdo:
o marido lamentava
por não ter ido mais cêdo.

Cuantas vezes me perdi
por te não saber achar;
mas cego se encontro a ti
logo me perco a apalpar.

Bandos de sonhos que ao dia
logo à alba debandaram
criou-os à noite a alegria
e pla noite se aninharam.

** ÁLULAS ***

Casar co um vélho é destino
que não envejo à que cai ;
porque pode ter menino
que não chame pai ao pai :

Se acaso me ders um beijo,
que terreno é que semente !
tu, então, terás o ensejo
de uma colheita fremente.

Á duas sortes de neve :
a neve que se evapora,
a neve que sempre dura
até se o tempo melhora.

Co o namôro persistente
derreti-te a que se evola,
mas a outra, a resistente
nenhum amor a descola.

A rosa faz-me lembrar
(talvez por causa do jeito)
um coraçãozinho ao ar
deixado por algum peito.

Uma viúva chorava
devagarinho, em segredo:
o marido lamentava
por não ter ido mais cêdo.

Cuantas vezes me perdi
por te não saber achar;
mas cego se encontro a ti
logo me perco a apalpar.

Bandos de sonhos que ao dia
logo à alba debandaram
criou-os à noite a alegria
e pla noite se aninharam.

LADRÕES

—

Conheci um rapaz que em certo dia
depois de muitos dias sem ganhar,
se fez ladrão sem qu'rer, sem estudar,
sòmente porque a fome lho esijia.

Cavava a terra tanto que podia
cavá-la menos, — pôr-se a descansar,
se porventura o dono, ao lhe pagar,
lhe pagasse o dinheiro que devia.

Os donos tais rodeios, mexericos
praticam nos salários aos vilões,
que os vilões sofrem sempre mais atritos.

E disto saltam forte as conclusões:
nem todos os ladrões são homens ricos;
— mas todos homens ricos são ladrões.

* * ÁLULAS * * *

Finje que a chuva:
que a luz enuiuva
te convida
por minha vida
a alevantares
pla rua, plos ares
as tuas saias
e a de cambraias ;

pois cuando aos ais
pla rua vais
o teu andar
a acalentar
com o arregaço,
eu sonho e faço
não te ver
pra te não qu'rer
envergonhar

LADRÕES

Conheci um rapaz que em certo dia
depois de muitos dias sem ganhar,
se fez ladrão sem qu'rer, sem estudar,
sòmente porque a fome lho esijia.

Cavava a terra tanto que podia
cavá-la menos, — pôr-se a descansar,
se porventura o dono, ao lhe pagar,
lhe pagasse o dinheiro que devia.

Os donos tais rodeios, mexericos
praticam nos salários aos vilões,
que os vilões sofrem sempre mais atritos.

E disto saltam forte as conclusões :
nem todos os ladrões são homens ricos ;
— mas todos homens ricos são ladrões.

*** ÁLULAS ***

Finje que a chuva:
que a luz enviuva
te convida
por minha vida
a alevantares
pla rua, plos ares
as tuas saias
e a de cambraias ;

pois cuando aos ais
pla rua vais
o teu andar
a acalentar
com o arregaço,
eu sonho e faço
não te ver
pra te não qu'rer
envergonhar

*** ÁLULAS ***

Que põe luzirs,
que põe clarões
nestes sentires
dos corações !

Feito de esprança
e côm de rosa,
linda criança
que se aformosa,

co os nossos beijos,
nossos cuidados,
castos bafejos
por nós bem dados !

E a tam má guerra
que a jente faz
êle a enterra
co a voz da paz !

** ÁLULAS **

Feito de rosas
e de perfume,
faces mimosas,
quentes de lume.

E sempre ao lèu,
e de saúde,
feito de céu,
no berço ilude

como pintura
de grande artista
que põe doçura
em nossa vista,

que faz verdade
porque copia
da saudade
a poesia !

** ÁLULAS **

Que põe luzirs,
que põe clarões
nestes sentires
dos corações !

Feito de esperança
e côr de rosa,
linda criança
que se aformosa,

co os nossos beijos,
nossos cuidados,
castos bafejos
por nós bem dados !

E a tam má guerra
que a jente faz
êle a enterra
co a voz da paz !

** ÁLULAS ***

Feito de rosas
e de perfume,
faces mimosas,
quentes de lume.

E sempre ao léu,
e de saúde,
feito de céu,
no berço ilude

como pintura
de grande artista
que põe doçura
em nossa vista,

que faz verdade
porque copia
da saudade
a poesia !

LAS ***

São os teus gritos
uns sons de cor
uns doces mitos
de amor melhor !

Dores de parto
dores de mãe
dores de farto
viver tam bem !

* * ÁLULAS * * *

Fazer que a morte
seja querida
tal uma sorte
bôa da vida !

E seja leve
a vida tanto
que muito em breve
nos causa espanto.

Branco de lírio
terno cual aste
que do delírio
tu desataste ;

pois os teus ais
dêsse florir
ternos são mais
do que o sorrir.

** ÁLULAS **

São os teus gritos
uns sons de cor
uns doces mitos
de amor melhor!

Dores de parto
dores de mãe
dores de farto
viver tam bem!

*** ÁLULAS ***

Fazer que a morte
seja querida
tal uma sorte
bôa da vida!

E seja leve
a vida tanto
que muito em breve
nos causa espanto.

Branco de lírio
terno cual aste
que do delírio
tu desataste;

pois os teus ais
dêsse florir
ternos são mais
do que o sorrir.

Queria sentir-te forte e corajosa
nos de vez quanto ao amor se entrosa,
tante a amar, sempre de amor bem firme
da bôca os beijos pois sentir-me;
encontro ao meu o teu arfante peito
o coração de inquieto e contrafeito.
Queria oh! quem dera a vida assim viver
no ao teu peito e lá adormecer,
este amor tam puro como o puro
o teu corpo onde a vista seguro,
em se segura em limpida esperança
sempre correr e que nunca nos cansa.

Queria vida infeliz, oh! minha amada ponde
em meigo olhar que tanta graça esconde.
Queria o meu amor a diabólica arte
de não ter trazendo a ti por tôda a parte,
de não ter tu mesma ausente o ser se persuade
quanto a si te traz — a ilusão da saudade.
Queria a vida infeliz, ó minha amada ponde
em meigo olhar que tanta graça esconde.

** ÁLULAS ***

Suspiro plo sarau onde trocámos tantos
pensamentos de amor tam repletos de encantos.
Suspiro plo Teatro adonde não sabias
sair, e pelo modo em que tu mo pedias !
suspiro de saudade e daquela era amiga
que inda foi noutro dia e já parece antiga.

Agora trago a minha alma escura, apagada...
— a tristeza da flor por se ver desfolhada,
a tristeza do céu, ausente o claro dia,
céu feito de carvão, sem luz que lhe sorria...

Cuando recordo a amar o nosso amor e lembro
a nossa primavera em noite de dezembro...

Nesta vida infeliz, oh minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.
Além do teu viver e do bordado riso
neste mundo não á um melhor paraíso ;
o céu—teu negro olhar mais negro do que o corvo
rebrilhando qual estrêla, é onde a vida sorvo.

*** ÁLULAS ***

Quem me dera sentir-te forte e corajosa
pra rasgarmos de vez quanto ao amor se entrosa,
ver-te constante a amar, sempre de amor bem firme
e a tua linda bôca os beijos pois sentir-me ;
sentir de encontro ao meu o teu arfante peito
mudando o coração de inquieto e contrafeito.
Quem me dera oh ! quem dera a vida assim viver
encostado ao teu peito e lá adormecer,
e cheio dêste amor tam puro como o puro
regaço do teu corpo onde a vista seguro,
como quem se segura em límpida esperança
que faz sempre correr e que nunca nos cansa.

Nesta vida infeliz, oh ! minha amada ponde
êsse tam meigo olhar que tanta graça esconde.
E vê no meu amor a diabólica arte
de te não ter trazendo a ti por tôda a parte,
quando tu mesma ausente o ser se persuade
que junto a si te traz — a ilusão da saudade.
Nesta vida infeliz, ó minha amada ponde
êsse tam meigo olhar que tanta graça esconde.

** ÁLULAS ***

Suspiro plo sarau onde trocámos tantos
pensamentos de amor tam repletos de encantos.
Suspiro plo Teatro adonde não sabias
sair, e pelo modo em que tu mo pedias !
suspiro de saudade e daquela era amiga
que inda foi noutro dia e já parece antiga.

Agora trago a minha alma escura, apagada...
— a tristeza da flor por se ver desfolhada,
a tristeza do céu, ausente o claro dia,
céu feito de carvão, sem luz que lhe sorria...

Cuando recordo a amar o nosso amor e lembro
a nossa primavera em noite de dezembro...

Nesta vida infeliz, oh minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.
Além do teu viver e do bordado riso
neste mundo não á um melhor paraíso ;
o céu—teu negro olhar mais negro do que o corvo
rebrilhando qual estrêla, é onde a vida sorvo.

** ÁLULAS ***

o teu amor tam doce, amor feito de sonho
onde me foje a morte em-quanto a vida ponho.

O nosso querido amor, amor fecundo e raro,
pra que se não macule eu das leis o separo,
não quero que uma lei assim o desvirtue,
não tornarei a ser o que eu outrora fui.

.....

Cuando recordo a amar o nosso amor e lembro
a nossa primavera em noite de dezembro...
Relembra o nosso amor nesse tempo feliz
que ao triste coração a lembrança rediz...
Suspiro de saudade e daquela era amiga
que inda foi noutro dia e já parece antiga,
saudade que me dói e em martírios abunda
a minha triste alma em prazer moribunda...
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,

* * ÁLULAS * * *

Cuando nos olhos teus onde o prazer me vê
eu encontro uma dor sem que saiba porquê,
e me parece fico um como moribundo,
a quem um grande mal agora o dissuade
de quanto ao seu viver o liga uma saudade

Se tu me tens amor, se tu a mim me queres,
e se os amores são da côr dos malmequeres,
da côr da virjindade e do matiz dos lírios,
? devemos macular pra não fazer martírios,
(se mácula é amor) o amor do nosso peito?

por que não fojes tu dêsse algoz preconceito
de não ser minha amante emquanto não consorte,
se mais val' não casar que ser virjem da morte?
Qual é bênção melhor pra se formar um ninho
do que a bênção que quer' legar-te o meu carinho?
Qual é melhor *tê-déum* de melhores solfejos
que a música de amor que cantam os meus beijos?
Lindas mãos de marfim, ó delicados lírios,
os elos desmanchai, e que êstes males tire-os

** ÁLULAS **

o teu amor tam doce, amor feito de sonho
onde me foje a morte em-quanto a vida ponho.

O nosso querido amor, amor fecundo e raro,
pra que se não macule eu das leis o separo,
não quero que uma lei assim o desvirtue,
não tornarei a ser o que eu outrora fui.

.....

Cuando recordo a amar o nosso amor e lembro
a nossa primavera em noite de dezembro...
Relembra o nosso amor nesse tempo feliz
que ao triste coração a lembrança rediz...
Suspiro de saudade e daquela era amiga
que inda foi noutro dia e já parece antiga,
saudade que me dói e em martírios abunda
a minha triste alma em prazer moribunda...
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,

** ÁLULAS ***

Cuando nos olhos teus onde o prazer me vê
eu encontro uma dor sem que saiba porquê,
eu julgo que me falta em volta todo o mundo,
e me parece fico um como moribundo
a quem um grande mal agora o dissuade
de quanto ao seu viver o liga uma saudade

Se tu me tens amor, se tu a mim me queres,
e se os amores são da côr dos malmequeres,
da côr da virjindade e do matiz dos lírios,
? devemos macular pra não fazer martirios,
(se mácula é amor) o amor do nosso peito?

por que não fojes tu dêsse algoz preconceito
de não ser minha amante emquanto não consorte,
se mais val' não casar que ser virjem da morte?
Qual é bênção melhor pra se formar um ninho
do que a bênção que quer' legar-te o meu carinho?
Qual é melhor *té-dêum* de melhores solfejos
que a música de amor que cantam os meus beijos
Lindas mãos de marfim, ó delicados lírios,
os elos desmanchai, e que êstes males tire-os

onito e para amar tam puro
ar onde a vida torturo.
espuma e oiro de café,
crente e pra tirar-lhe a fé,
de cristo assim chamada
num bom e acaba em Torquemada.

ado é ventura sublime
s se aperta e de beijos se imprime.

os a quem a nós não tem amor,
o contrário assim se diz, se fôr,
s pra quem não seja amado, mágoa
s olhos rouba em ardente água;
a lenitivo e até parece crime
praticou, mas que o remorso oprime,
sombra assim que nunca e nunca
orturar a alma em garra adunca;
a tortura eu choro, por ela cismo
rdida ave e caindo no abismo.

* * ÁLULAS * * *

Como secar-se a fonte em teu olhar ameno,
pra que ser virtuosa em coisa que condeno?
Vives do meu amor ou averá alguém
de que mais viverás, inda que pai ou mãe?
O parir-te não deu senão aos pais prazer
e êles dão-te por troca o medonho sofrer.
Como de ingratidão êles te enchem a vida
em-quanto tu lhe deste a liga à alma unida!

Um pai só tem razão como o tem um hereje
em-quanto a filha sem espôso assim proteje
mas se um espôso vem e de amor abre os braços
pra que servem dos pais os proletários laços?
Nesta vida infeliz, ó minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.
Eu vivo da saudade, eu vivo da esperança,
passado que me quer', futuro que se alcança.

Se o teu olhar vier encher o meu olhar
com o sal do meu pranto e o gôsto igual ao mar
é sinal de que amor não mora nesse peito
e que êste amor não quer' não quer' por ser estreito.

* * ÁLULAS * * *

Um peito tam bonito e para amar tam puro
só a dor sabe dar onde a vida torturo.
Um seio côr da espuma e oiro de café,
seio que faz um crente e pra tirar-lhe a fé,
como a relijião de cristo assim chamada
que principiou num bom e acaba em Torquemada.

Amar e ser amado é ventura sublime
que de abraços se aperta e de beijos se imprime.

Mas se amamos a quem a nós não tem amor,
e tambem se o contrário assim se diz, se fôr,
que martírios pra quem não seja amado, mágoa
que a luz dos olhos rouba em ardente água;
que dor sem lenitivo e até parece crime
que se não praticou, mas que o remorso oprime,
até parece sombra assim que nunca e nunca
deixa de torturar a alma em garra adunca;
e por esta tortura eu choro, por ela cismo
como perdida ave e caindo no abismo.

* * ÁLULAS * * *

Como secar-se a fonte em teu olhar ameno,
pra que ser virtuosa em coisa que condeno?
Vives do meu amor ou averá alguém
de que mais viverás, inda que pai ou mãe?
O parir-te não deu senão aos pais prazer
e êles dão-te por troca o medonho sofrer.
Como de ingratidão êles te enchem a vida
em-quanto tu lhe deste a liga à alma unida!

Um pai só tem razão como o tem um hereje
em-quanto a filha sem espôso assim proteje
mas se um espôso vem e de amor abre os braços
pra que servem dos pais os proletários laços?
Nesta vida infeliz, ó minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.
Eu vivo da saudade, eu vivo da esperança,
passado que me quer', futuro que se alcança.

Se o teu olhar vier encher o meu olhar
com o sal do meu pranto e o gôsto igual ao mar
é sinal de que amor não mora nesse peito
e que êste amor não quer' não quer' por ser estreito

* * ÁLULAS * * *

Meu pobre coração com o teu enganou-se,
julgou-te vera amante cheia de amor doce ;
agora sou qual pobre a viver em casebre
onde tudo lhe falta e lhe sobeja a febre
que a loucura depõe na pálida cabeça
a que orrorosa fome esfacele e entonteça.

Nem uma aparição sequer se me depara,
e pois já não espero a figura tam cara
da minha amante estrêla e minha e tôda minha
que da paixão que rei me fez não é rainha.
Oh! á que dias passo eu pla rua e não vejo
quem na bôca me fez a criação ardente
da verdade dizer por ela eternamente.
Vivo agora na rua infeliz da amargura
onde a estrêla me diz, donde a sina me augura
—nunca mais sairei, nunca mais, nunca mais
tê que os lírios virão nutrir-se de meus ais,
é que os ciprestes vão criar suas raizes
nas fibras do meu peito, em minhas cicatrizes.

* * ÁLULAS * * *

Já sinto do passado uma idea mui vaga
desque o brilho do olhar me não esplende e afaga.
Nada ao meu coração se faz que triste agrade
de que uma esperança morta e uma viva saudade.

Neste caminho os pés ei chagados e nus
de correr-te ao olhar, de me aquecer á luz
que irradia de ti e que tanto me ilude
tal qual ao moribundo a visita em saúde.
Lonje dos olhos teus eu me sinto doente
por duvidar do teu amor eternamente
Para que o meu prazer no teu olhar esconder-mo
se me tiras a vida e me tornas enfêrmo?
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,
êsse teu lindo colo a pedir um colar
feito de beijos meus cemo as ondas do mar!

As brasas de oiro lindo a palpitar no céu
que se veste em luar com o pálido véu,
acenderam a luz em luz de teu olhar.
que ilumina o teu rosto a ponto de encantar!

* * ÁLULAS * * *

Meu pobre coração com o teu enganou-se,
julgou-te vera amante cheia de amor doce ;
agora sou qual pobre a viver em casebre
onde tudo lhe falta e lhe sobeja a febre
que a loucura depõe na pálida cabeça
a que orrorosa fome esfacele e entonteça.

Nem uma aparição sequer se me depara,
e pois já não espero a figura tam cara
da minha amante estrêla e minha e tôda minha
que da paixão que rei me fez não é rainha.
Oh! á que dias passo eu pla rua e não vejo
quem na bôca me fez a criação ardente
da verdade dizer por ela eternamente.
Vivo agora na rua infeliz da amargura
onde a estrêla me diz, donde a sina me augura
— nunca mais sairei, nunca mais, nunca mais
té que os lírios virão nutrir-se de meus ais,
té que os ciprestes vão criar suas raizes
nas fibras do meu peito, em minhas cicatrizes.

* * ÁLULAS * * *

Já sinto do passado uma idea mui vaga
desque o brilho do olhar me não esplende e afaga.
Nada ao meu coração se faz que triste agrade
de que uma esperança morta e uma viva saudade.

Neste caminho os pés ei chagados e nus
de correr-te ao olhar, de me aquecer á luz
que irradia de ti e que tanto me ilude
tal qual ao moribundo a visita em saúde.
Lonje dos olhos teus eu me sinto doente
por duvidar do teu amor eternamente
Para que o meu prazer no teu olhar esconder-mo
se me tiras a vida e me tornas enfêrmo?
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,
êsse teu lindo colo a pedir um colar
feito de beijos meus cemo as ondas do mar!

As brasas de oiro lindo a palpitar no céu
que se veste em luar com o pálido véu,
acenderam a luz em luz de teu olhar.
que ilumina o teu rosto a ponto de encantar!

* ÁLULAS * * *

que canta cual ave assim o rouxinol
que se aflije se vê ir-se o lume do sol.
Ó senhora do peito, ó senhora em quem grita
a minha alma de dor, esta minh'alma aflita,
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde
nessa tam linda luz que tanta graça esconde.

** ÁLULAS ***

O que ela só requer é só o que compreende
e assim julga que o amor ela não mais ofende
em não juntar seu peito ao peito que delira
feito de amor sincero e feito de uma ira
—amor só para ela e ira p'ra maldade
que me tortura a alma e nunca a dissuade.
Minha querida amada, ó meu amor de um dia,
ó alma bemfazeja, ó lábio que sorria,
ó peito de meu peito, ó coração tam frio,
ó rio de meu chôro e de meus ais, ó rio
que nem murmuras sons aos sons dos meus martírios.
Ó minhas mãos de cal, ó dedos, finos lírios.
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde
essa tam linda luz que tanta graça esconde.

Ó anjo sê mulher, ó virjem sê espôsa,
não queiras ser a cruz da minha triste lousa,
não me queiras cavar a minha fria cova
ao corpo que te quer', á alma que está nova.
—Não queiras ver a entrar nessa lúgubre porta
minh'alma que em ti vive e por ti anda morta,

** ÁLULAS **

e que canta cual ave assim o rouxinol
que se aflije se vê ir-se o lume do sol.
Ó senhora do peito, ó senhora em quem grita
a minha alma de dor, esta minh'alma aflita,
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde
essa tam linda luz que tanta graça esconde.

** ÁLULAS **

O que ela só requer é só o que compreende
e assim julga que o amor ela não mais ofende
em não juntar seu peito ao peito que delira
feito de amor sincero e feito de uma ira
—amor só para ela e ira p'ra maldade
que me tortura a alma e nunca a dissuade.
Minha querida amada, ó meu amor de um dia,
ó alma bemfazeja, ó lábio que sorria,
ó peito de meu peito, ó coração tam frio,
ó rio de meu chôro e de meus ais, ó rio
que nem murmuras sons aos sons dos meus martirios.
Ó minhas mãos de cal, ó dedos, finos lírios.
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde
essa tam linda luz que tanta graça esconde.

Ó anjo sê mulher, ó virjem sê espôsa,
não queiras ser a cruz da minha triste lousa.
não me queiras cavar a minha fria cova
ao corpo que te quer', á alma que está nova.
—Não queiras ver a entrar nessa lúgubre porta
minh'alma que em ti vive e por ti anda morta.

*** ÁLULAS ***

? Sentis uma dor comprida
cual lâmina de uma espada?
lê e escreve, e desabafas,
e a enorme dor não é nada.

F I M

